

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a solid blue rectangular background.

Não esperávamos do governo tão poucas
e pouco ousadas ações [We did not expect
from the government so little daring actions]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Campregher, Gláucia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-16 18:56:20
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163420

indicadores sociais O governo pode bancar isso. Esse projeto é possível, mas eu só o vejo como um projeto capitalista.

IHU On-Line – O Sr. considera satisfatória a política externa praticada pelo governo?

Pedro Cezar – Temos desajustes, problemas macroeconômicos, mas o Brasil tem condições de liderar internacionalmente vários segmentos produtivos. Em vários ramos, temos produtividade, obrigando os países líderes a inventarem barreiras sanitárias, sociais ou com o propósito explícito de barrar os produtos brasileiros. Isso nos dá uma certa confiança no Brasil. Não é possível desejar que o País pague a sua dívida regularmente e não possa exportar. Essa negociação pode ser feita. A rigor, nem na política interna, nem na externa, o atual governo difere muito do anterior. No governo do Fernando Henrique Cardoso, já se dizia que ele era de esquerda quando saía do País e aqui dentro era conservador. A política internacional do Presidente Lula, às vezes, é um pouco mais agressiva na linguagem, mas é basicamente a mesma, é uma política de independência, mas negociada. Essa é a política que deve ser feita. Há um grupo de países intermediários, que não se confunde com a grande massa de países marginalizados, como os do continente africano. Os países médios podem ocupar um grande espaço e a liderança do Brasil é oportuna. Acho que o Presidente da República está se saindo muito bem.

“NÃO ESPERÁVAMOS DO GOVERNO TÃO POUCAS E POUCO OUSADAS AÇÕES”

Entrevista com Gláucia Campregher

Ainda dentro da discussão sobre os rumos do Governo Lula, IHU On-Line conversou com a Prof^a. Dr.^a Gláucia Campregher, do Centro de Ciências Econômicas da Unisinos. Gláucia é graduada em Ciências Econômicas, Mestre e Doutora em Economia pela Unicamp, com tese intitulada “Contribuição à crítica da economia política do não trabalho”.

IHU On-Line- O sociólogo Francisco de Oliveira tem se referido ao modelo econômico e social que está sendo desenhado pelo atual governo como um “ornitorrinco”, devido às suas características esdrúxulas. Essa metáfora lhe parece adequada? O que caracterizaria as desproporções do referido modelo? Quais os seus equívocos?

Gláucia Campregher- Sim, a metáfora faz algum sentido, porque parece que o governo tem agido com o sinal trocado para além do que se poderia esperar. Ou seja, mesmo que já esperássemos um governo mais *soft* - dado o enalace que nos foi deixado e dada a pouca profunda discussão da campanha eleitoral -, não esperávamos tão poucas e pouco ousadas ações em todas as áreas (social e econômica) em meio a tanto esforço para a realização de reformas para “mercado ver”. Veja bem, a crise fiscal do Estado é mesmo séria, e teria de fato de ser enfrentada. Além disso, o PT sempre prezou finanças públicas saneadas, como o demonstram suas administrações anteriores ao governo federal. Mas isso não justifica o conteúdo pouco diferenciado (em relação ao governo FHC) das reformas tributária e previdenciária. Ou seja, há falta de *links* com um projeto alternativo para o desenvolvimento nacional, como por exemplo, com a redistribuição de renda, ou o financiamento do investimento produtivo, ou a democratização da gestão. O que está acontecendo não é, a meu ver, só uma questão de “desproporção” – muita atenção às reformas e pouca às questões sociais mais amplas (ou seja, além do “Fome Zero”). É que ambas não se cruzam em ponto algum! Veja, quando eu faço uma lei para o Fundopem (como o PT fez aqui no RS, e agora está sendo desfeita...), que previa incentivo só para investimentos novos e geradores de emprego, a

questão fiscal está casada com a questão socioeconômica maior: de desconcentrar o incentivo nos grandes de sempre e de estimular o mercado interno (via gastos dos trabalhadores futuramente empregados). Logo, é de se pensar que a desproporção vem da natureza das “reformas que acalmam o mercado”, que não têm nada a ver com as “reformas que põem o país para andar”.

IHU On-Line- Em sua defesa, o governo tem alegado que a experiência brasileira é inédita, inexistindo acúmulo teórico para dar conta, a curto prazo, das contradições que caracterizam o Estado e a sociedade brasileira. Quais as lições que podem ser extraídas do cenário internacional, em benefício de uma mudança nacional em favor dos pobres e excluídos?

Gláucia Campregher- Esta alegação faz e não faz sentido. Não faz, se pensarmos que o acúmulo teórico é enorme, quando o volume de experiências históricas de diferentes países em construir modelos alternativos aos da dominação do capitalismo central é também bem grande. Veja, Alemanha, Japão e até os Estados Unidos são países que se tornaram capitalistas, quando a Inglaterra já era uma potência capitalista dominante. Cada um deles desenvolveu modelos bem próprios para a sua industrialização. As experiências socialistas também trazem muito à reflexão, bem como os capitalismo reformados do “bem-estar social” do pós-guerra. Isso sem falar dos “tigres asiáticos” e, mais recentemente, de casos regionais de desenvolvimento em meio à riqueza (Europa) e mesmo em meio à pobreza (Índia). A lição é sempre a mesma: estado com clareza de objetivos estratégicos, desconcentração da propriedade e da renda e investimento nas capacitações humanas (leia-se educação). Agora, faz sentido se pensarmos que o mundo de hoje, cuja dominação do capitalismo central é “extratentacular” - é cultural, financeira, militar, tecnológica, e muito mais! - , que este mundo deixa poucas opções para países onde as burguesias nacionais são míopes, os intelectuais, distantes, os trabalhadores bem formados (cultural e politicamente), poucos e os miseráveis, muitos. O “cenário internacional”, nestes novos tempos, não tem apresentado nenhum projeto nacional de sucesso. China e Europa são muito mais que nações. Justo por isso, temos causado tanta curiosidade e mesmo sucesso; e, talvez isso não seja pouco. Nesse mundo da “política como espetáculo”, talvez Lula, o *show man*, seja o nosso maior trunfo.

IHU On-Line- Há espaços, no cenário internacional, para o desenvolvimento de um projeto nacional? A Sr.^a acredita que os dirigentes do País reúnem condições para formulá-lo? Qual o papel que caberia aos movimentos sociais e aos trabalhadores?

Gláucia Campregher- Para mim, hoje ou o nacional é melhor articulado dentro (regionalmente) e fora (continentalmente) ou ele não tem futuro. Por isso eu dizia que talvez o que o governo esteja fazendo de melhor seja projetar o presidente. Atrair todas as atenções, viajar muito, articular e articular, talvez seja algo de fato estratégico. Só duvido desta estratégia, porque para dentro não adianta só criar um espaço de “diálogo para concertação”. O pacto federativo teria de estar sendo repensado de verdade, como o pacto social. Os poderes das oligarquias locais, dos grandes monopólios empresariais, dos grandes controladores das finanças nacionais, isso tinha de estar sendo colocado em cheque. O governo tinha de estar identificando os não-míopes entre os empresários, os não-corporativos entre os sindicalistas, os bem-intencionados entre os críticos... E todos os movimentos sociais devem se esforçar para fazer avançar o debate dentro dos espaços abertos pelo governo e também para além deste.

IHU On-Line- Ao considerar que o governo está em desacordo com as expectativas dos que elegeram Lula, o citado sociólogo sustenta, mesmo, que estaria surgindo uma “nova

classe” de dirigentes, oriundos dos sindicatos, mas desvinculados dos interesses históricos dos trabalhadores. Esta abordagem não está presa a um modelo antigo de análise, que atribuía à classe operária um papel transformador?

Gláucia Campregher- Não teria como responder esta pergunta em poucas palavras, até porque eu já falei muito sobre esse tema (na minha tese de doutorado). Não vou pela linha dos “interesses históricos” da classe trabalhadora, nem dos motivos por que os trabalhadores eram revolucionários antes, e não hoje, nem o significado de “classe social”, etc, etc. Assim sem complexificar (o que seria necessário) o que é ser trabalhador hoje, vou pela linha da identidade entre os dirigentes petistas e os demais trabalhadores dentro e fora do partido. É verdade que muita gente dentro do PT, ao virar “dirigente” (e daí deputado, secretário, ministro, chefe disso ou daquilo), ganhou uma respeitabilidade quase burguesa. Quero dizer, do mesmo modo como o capitalista organiza a força de trabalho para a produção coletiva (e a apropriação privada), o dirigente partidário acumula privadamente os resultados do trabalho coletivo. Muitos que trabalham com estes, trabalham para estes. Escrevem “para eles”, defendem “suas” posições, etc., etc. Não que estes dirigentes não trabalhem mais. Como os capitalistas, cada vez mais, eles se empenham em concorrer uns com os outros, e isso dá um trabalho do cão.

DESTAQUES DA SEMANA

Análise de Conjuntura

O jornal **Valor Econômico**, de 9 de outubro de 2003, publicou uma reportagem assinada pelo jornalista Cristiano Romero, intitulada “Austeridade fiscal mina o prestígio do Ministro Palocci. Cresce o número de insatisfeitos com os resultados da opção pelo superávit fiscal”. Reproduzimos abaixo este artigo, que pode ser lido à luz da longa matéria publicada hoje, dia 13 de outubro de 2003, no jornal **O Estado de S. Paulo**, intitulada: “Conselho perde status e só cuidará do longo prazo. Tarso nega crise de identidade do órgão mas admite que seu trabalho é mal-compreendido”.

AUSTERIDADE FISCAL MINA O PRESTÍGIO DO MINISTRO PALOCCI

O Palácio do Planalto já não vê o Ministro da Fazenda, Antonio Palocci, com a mesma reverência. Os desgastes provocados dentro e fora do governo pela paralisa da máquina pública, sufocada por um ajuste fiscal mais ortodoxo que o do governo Fernando Henrique, estão diminuindo a força de Palocci. Seu prestígio, dentro do núcleo do poder, está em queda.

“Há fortes indícios de insatisfação”, revelou uma fonte com trânsito no governo. Curiosamente, a insatisfação aumenta justamente no momento em que a economia começa a dar sinais de recuperação. O dólar e o risco-país estão em queda, as bolsas de valores seguem em alta, e a produção industrial dá mostras de que o país pode estar saindo da recessão.

Há duas variáveis, no entanto, que estão no centro das críticas à política econômica comandada por Palocci: o índice de desemprego recorde (14,9% da população economicamente ativa em São Paulo e 13%, na média nacional, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE) e os cortes no orçamento - que estão impedindo a ação do governo em várias áreas.